

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

RICARDO CAMPOS QUEIXAS

**EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE
NO ENSINO SUPERIOR:
Reflexões**

Campinas
2005



RICARDO CAMPOS QUEIXAS

EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE NO ENSINO SUPERIOR: Reflexões

Trabalho de Conclusão de Curso
(Graduação) apresentado à Faculdade de
Educação Física da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção do
título de Bacharel em Educação Física.

Orientador: Paulo César Montagner

Campinas
2005

UNIDADE FEF 1088
 N.º CHAMADA:
TCC/Unicamp
Q32e
 V. _____ Ex. _____
 TOMBO BC/ 2658
 PROC _____
 C. ☐ D. ☒
 PREÇO 11,00
 DATA 22/11/05
 N.º CPD 374332
200600580

Queixas, Ricardo Campos.

Q32e Educação Física e esporte no ensino superior: reflexões /
 Ricardo Campos Queixas. - Campinas, SP: [s.n], 2005.

Orientador: Paulo César Montagner.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Faculdade de
 Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Educação física. 2. Esportes universitários. 3. Competição
 (Esporte). 4. Aluno. 5. Educação. I. Montagner, Paulo César. II.
 Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação
 Física. III. Título.

RICARDO CAMPOS QUEIXAS

**EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE NO
ENSINO SUPERIOR:
Reflexões**

Este exemplar corresponde à redação
final do Trabalho de Conclusão de Curso
Graduação defendido por Ricardo
Campos Queixas e aprovado pela
Comissão julgadora em: 12/12/2005

Componente da banca:
Hermes Ferreira Balbino

Campinas
2005

Dedicatória

Dedico, primeiramente, este trabalho aos meus pais (Roberto e Mariza), meus irmãos (Wallace, Leandro e Rodrigo), por terem acreditado na minha pessoa, minha educação e por terem me ajudado durante esse tempo.

Gostaria também de dedicar este trabalho a todas as escolas que de fato, contribuíram para a minha educação, Colégio Anjo da Guarda” e Escola Espaço Livre, que ensinaram a ser um cidadão.

Dedico também a todos meus amigos, todos mesmo, incluindo também todos meus professores que contribuíram para a educação que tenho.

Agradecimentos

Primeiramente agradecendo a Deus por ter me guiado durante os 21 anos de minha vida e por ter proporcionado o nascimento em uma família maravilhosa e também me fez encontrar com tantas pessoas que fizeram parte até agora de minha história.

Gostaria de agradecer aos meus pais (Roberto e Mariza), por terem proporcionado a mim uma educação digna e completa, dentro e fora de casa, sendo pessoas de um grande caráter e de grande admiração e estima, assim como agradecer a meus irmãos (Wallace, Leandro e Rodrigo) por também terem feito parte desta educação, tenho certeza que sem vocês eu não estaria aqui agora. Destacando também a presença na minha vida de todos meus familiares (avôs e avós, todos meus tios, tias, primos e primas), compondo uma grande família da qual me orgulho de fazer parte.

Divido esta alegria com todas as pessoas da minha vida, além de meus pais, principalmente meus amigos de hoje, de ontem e, assim, de sempre (como são tantos, nas descreverei um por um aqui), pois terão um lugar reservado na minha memória e no meu coração. Gostaria de agradecer a paciência dos mesmos e principalmente da pessoa que está ao meu lado nos bons e maus momentos.

Agradeço também a todos os professores que passaram por minha história de vida, desde os tempos do Ensino Fundamental, como também do Ensino Médio e Superior, pois com certeza foram um dos principais fornecedores de conhecimento que obtive durante esses anos de educação. Gostaria de destacar meus agradecimentos ao Prof. Paulo César Montagner, por ter me ajudado na realização deste Trabalho Monográfico, e por ter confiado na minha capacidade.

Gostaria de agradecer também, não esquecendo do pessoal de casa (Casa dos 10), por terem compreendido a importância da utilização do computador para a realização destas palavras.

Obrigado a todos!

QUEIXAS, Ricardo Campos. **Educação Física e Esporte no Ensino Superior: Reflexões**. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

RESUMO

A partir da década de 1960, houve mudanças na política educacional do país. O período assinalou a ascensão do Esporte à razão do Estado e a inclusão da Educação Física e do Esporte na planificação do Governo. Nos dias de hoje, após o término da obrigatoriedade da prática da Educação Física no Ensino Superior na década de 90, podemos perceber qual é o papel não só do profissional da área quanto à prática de sua profissão no ensino superior, mas da própria Educação Física, que não está presente de forma direta na vida dos universitários, que através da prática e de treinos de certas modalidades esportivas fazem parte do cotidiano dos mesmos. Devemos ter conhecimento de algo que se manifesta juntamente com o Esporte na Educação Física, ou seja, a esportivização da Educação Física no ensino do Ensino Fundamental, Médio e, principalmente no Ensino Superior e de seus problemas. A Educação Física está constantemente presente no cotidiano, não só dos alunos, mas de professores(as), funcionários(as) e também da comunidade que vive em torno do “universo” da UNICAMP. Com a prática esportiva e a criação das Atléticas dos cursos da Universidade, foi criada a LAU (Liga das Atléticas da Unicamp), com fins de organização de campeonatos universitários internos, como também a criação de equipes de esportes para competições universitárias. Sabendo que o Esporte é um conteúdo da Educação Física, pode-se destacar sua importância dentro da cultura dos jovens, como forma educacional e processo de formação do Ser Humano. Como agências educacionais, podemos destacar a família, cujos objetivos são diferentes dos objetivos da escola e dos clubes. O Esporte, competitivo ou não, destaca-se como uma agência educacional não-formal, pois se desenvolve fora do ambiente escolar. Muitos dos estudos citados se referem ao papel educacional do esporte para crianças e jovens, podendo haver um paralelo da manifestação do mesmo em qualquer faixa etária, precisamente dizendo em universitários, através do Esporte Universitário competitivo. E segundo Freire (1996) “o Esporte é uma forma de transmissão cultural da humanidade, e um dos objetivos da educação é a transmissão cultural”.

Palavras-Chaves: Educação Física; Esporte Universitário Competitivo; Aluno/Atleta; Educação.

QUEIXAS, Ricardo Campos. **Physical Education and Superior Education: Reflections**. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

ABSTRACT

From the decade of 1960, we faced changes in the Brazilian educational politic. The period signed the ascemption of the Sport to the State knowledge and the inclusion of the Physical Education and of the Sport in the planning of the Government. Nowadays, after the term of the obligation of the practical of the Physical Education in the Upper Education (in the decade of 1990), we are able to perceive which is the not alone paper of the professional of the area as regards the practical of his profession in the upper education, but of the own Physical Education, that is not present of straight form in the life of the university students but is inherent to their routine through the practice of certain sportive modalities. We should have knowledge of somewhat that itself manifest jointly with the Sport in the Physical Education, or be, the sportive aspect of the Physical Education in the Fundamental, Medium and, mainly, in the Upper Education and of its problems. The Physical Education is constantly present in the quotidian, not alone the one of the students, but also the ones of professors, staff and of the community that lives around the “universe” of the UNICAMP. With the sports practice and the creation of the various Athletics in the University, was created the LAU (League of the Athletics of the Unicamp), which is responsible for the organization of internal university championships organization ends, as well as the sports teams creation for inter-university competitions. Knowing that the Sport is a content of the Physical Education, one is able to recognize its importance inside the youths’ culture, as educational form in the process of Human Being formation. As educational agencies, we are able to point out the family, whose objectives are unlike the objectives of the school and the clubs. The Sport, competitive or not, detaches itself as a not-formal educational agency, because it develops itself outside of the school environment. Many of the studies cited refer to the educational paper of the sport for children and youngs, being able to have a parallel of the manifestation of it in any age, specifically saying in university students, through of the competitive University Sport. According to Freire (1996) “the Sport is a form of cultural transmission of the humanity, and one of the objectives of the education is the cultural transmission”.

Keywords: Physical Education; Competitive University Sport; Student/Athletic; Education.

SUMÁRIO

1. Introdução	09
2. PARTE I - Esporte e Educação Física na Universidade: Aprofundamentos Teóricos	12
2.1 Esporte Universitário no Brasil e no Mundo	12
2.1.1 Variáveis e Apontamentos Teóricos do Esporte Universitário Competitivo	14
2.2 O Esporte e Educação Física no Ensino Superior – Apontamentos Teóricos	15
2.3 Estudo de Caso – Faculdade de Educação Física da Unicamp	22
2.4 Relacionando o Esporte Universitário Competitivo com o Olimpismo	24
3. PARTE II - O Esporte como Princípio Educacional: Relacionando Teorias e Realidades do Esporte Educacional com o Ensino Superior	27
4. Temas Relevantes sobre o Esporte Universitário	39
4.1 Estrutura	39
4.2 Potencial	40
4.3 Modelo de Gestão	40
4.4 Visão Social	41
5. Referências Bibliográficas	43

1. Introdução

O tema deste estudo é discutir a manifestação educacional do Esporte Universitário competitivo, fazendo um breve estudo de revisão literária bem como traçando alguns paralelos sobre o tema, como o Esporte Escolar do Ensino Fundamental e Médio. Desenvolvemos o estudo a fim de apresentar um referencial que permita compreender o Esporte Universitário como agência educacional, sabendo que o mesmo é conteúdo da Educação Física, fazendo parte do processo de formação dos alunos universitários que se dispõem a competir por suas instituições de ensino.

A fim de acrescentar ao que já foi publicado, assim como paralelamente às publicações sobre o Esporte na Escola, fez-se deste estudo uma oportunidade de entendermos melhor o Esporte Universitário, que é pouco explorado, desenvolvendo estudos insuficientes devido o tamanho de sua grandeza. Participando como atleta e técnico do Esporte Universitário de São Paulo (FUPE) e da Unicamp, tem-se como justificativa desenvolver o assunto, presente durante nossa vida universitária.

Este estudo tem como metodologia de trabalho pesquisa de referencial bibliográfico, a fim de estudar publicações realizadas sobre este tema, assim como, paralelamente, sobre assuntos que se equivalem ao valor educacional que o Esporte competitivo exerce no processo de formação de um Ser Humano. Quanto a esse tipo de metodologia, Lakatos e Marconi (2003) orientam:

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda a bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais (...) e audiovisuais (...). Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas. (p.183)

Sobre isso, Lakatos e Marconi (2003) ainda orientam, afirmando que:

Pesquisa alguma parte hoje da estaca zero. Mesmo que exploratória, isto é, de avaliação de uma situação concreta desconhecida, em um dado local, alguém ou um grupo, em algum lugar, já deve ter feito pesquisas iguais ou semelhantes, ou mesmo complementares de certos aspectos da pesquisa pretendida. Uma procura de tais fontes, documentais ou bibliográficas, torna-se imprescindível para a não-duplicação de esforços, a não 'descoberta' de idéias já expressas, a não-inclusão de 'lugares-comuns' no trabalho. (p.225)

Para o desenvolvimento deste estudo, portanto, iremos descrevê-lo em duas partes, a fim de expressar melhor aquilo que diz respeito ao Esporte Universitário.

A primeira parte, **Esporte e Educação Física na Universidade: Aprofundamentos Teóricos**, será subdividido para sabermos quem são os principais responsáveis, não só pela criação, mas pela organização do Esporte Universitário no Brasil e no Mundo. Após, serão descritos os principais personagens do mesmo, ou seja, iremos caracterizar os atletas, sejam eles bolsistas ou não, que são os principais beneficiados pelo Esporte Universitário, já que assim como este estudo defende, é importante para a formação e educação desses indivíduos. Posteriormente, será descrita um histórico de quando o Esporte e a Educação Física foram implantados nas Universidades brasileiras, já que os mesmos só eram desenvolvidos somente nos Ensinos Fundamental e Médio em nosso país. Faremos um breve estudo de caso da LAU (Liga das Atléticas da Unicamp), responsável pela organização e participação da entidade nas competições universitárias, falando sobre o espaço utilizado dentro da Faculdade de Educação Física, sendo esta responsável por disponibilizar os mesmo para a prática de atividades físicas e esporte competitivo a seus "usuários" (alunos universitários, ou pessoas da comunidade universitária, como professores, funcionários ou pessoas que moram nos arredores da mesma). Finalizando este capítulo, iremos fazer uma comparação do Esporte Universitário vigente com o Esporte do Ideal Olímpico, ou Olimpismo.

Na segunda parte, **o Esporte como Princípio Educacional: Relacionando Teorias e Realidades do Esporte Educacional com o Ensino Superior**, como seu próprio nome diz, iremos fazer um levantamento bibliográfico sobre publicações não só relacionadas ao Esporte Universitário, mas sobre assuntos relacionados ao Esporte Educacional, seja ele desenvolvido em escolas (Ensino Fundamental e Médio) como também em clubes sócio-esportivos. Para o desenvolvimento deste capítulo, iremos discutir o fato do Esporte competitivo ser um agente

educacional nessas agências, assim como destacar o papel do técnico como educador e, também, como um dos principais fatores para que o Esporte tenha essa função.

Por fim algumas conclusões que denominamos, **Temas Relevantes sobre o Esporte Universitário**, utilizado como forma de norteamento para conclusão dos estudos. Alguns aspectos entendidos como relevantes: Estrutura, Potencial, Modelo de Gestão e Visão Social.

2. PARTE I

ESPORTE E EDUCAÇÃO FÍSICA NA UNIVERSIDADE: APROFUNDAMENTOS TEÓRICOS

2.1 Esporte Universitário no Brasil e no Mundo

Para a realização deste estudo, principalmente no início deste item, tomaremos como predominante referencial teórico não conclusivo o site oficial da FISU (www.fisu.net, acesso em: 10/09/2005).

De acordo com a fonte, o começo do esporte universitário pode ser ligado com o início da formação da FISU (Federação Internacional de Esportes Universitários). Essa federação foi oficialmente formada em 1949, mas suas origens começam no ano de 1920, quando o francês Jean Petitjean organizou o primeiro “World Student Games” (Jogos Mundiais Estudantis) em maio de 1923 em Paris. No mesmo ano, foi visto o nascimento da Confederação Internacional de Estudantes (ICS), onde várias delegações começaram a incorporar o projeto, e o movimento foi lançado. De 1925 ao ano de 1939, vários eventos esportivos foram organizados por estudantes e pela ICS. Com o começo da Segunda Guerra Mundial, esses eventos pararam de ser organizados, mas quando tudo voltou ao normal, a França “relançou” os Jogos Universitários Mundiais (“World University Games”).

Referindo-se a fonte já citada anteriormente, no ano de 1949, foi criada a FISU, e juntamente com a União Internacional dos Estudantes (ISU), foram organizados jogos, onde somente países ocidentais participaram, devido ao “problema” da Guerra Fria. Em um novo começo, a Federação Francesa organizou o Campeonato Mundial de Esportes Universitários (“World University Sports Championship”) que trouxe consigo estudantes dos dois “blocos”. Desse evento, houve o desejo de serem organizados jogos universais, onde estudantes do mundo todo poderiam participar. Surge a Universiade, o primeiro evento universal, feito em Turim, na Itália, e organizado pela Federação local, juntamente com a FISU e ISU. Essa competição reuniu 43 delegações de todo o mundo, com aproximadamente 1.400 participantes e federações pediram para tomarem-se membros da FISU.

De acordo com a mesma, o mais importante é que a Federação Internacional, a partir dos jogos organizados, tomou uma postura onde não haveria discriminação de natureza política ou racial, ou seja, os jogos seriam para todos, não importando a cor, pensamento político ou qualquer outro tipo de diferença existente entre os seres humanos, resumindo, os jogos seriam para todos.

Desde o seu princípio, a Universiade vem atraindo mais e mais participantes, saindo de 1400 em Turim, na Itália (1959) para um total aproximado de 6640 participantes, vindos de 174 países em Daegu, na Coreia (2003). A FISU organiza essas competições a favor da paz e da interação internacional de estudantes de todo o mundo.

Como mencionado anteriormente, a FISU é a entidade responsável pelo Esporte Universitário de todo o mundo. A ela, são filiadas 142 confederações nacionais, distribuídas entre os cinco continentes. Uma dessas confederações é a brasileira (CBDU) e filiadas a mesma, 27 federações estaduais.

O Brasil não fica atrás na organização de uma entidade responsável pelo esporte universitário nacional. De acordo com o site oficial da CBDU (www.cbdu.com.br, acesso em: 10/09/2005), já em 1939 é fundada a Confederação Brasileira do Desporto Universitário (CBDU), oficializada no ano de 1941, pelo Decreto nº 3.617, de 15 de setembro, assinado pelo então presidente da República Getúlio Vargas. Esta confederação tem um papel importante para o desenvolvimento do esporte universitário nacional, estruturando competições para universitários e sensibilizando as autoridades do Ensino Superior nacional para o desenvolvimento e melhoria da prática desportiva nas Instituições. De acordo com a CBDU, sua filosofia está baseada nas noções de amizade, fraternidade, perseverança, integridade, cooperação, esforço e esporte limpo. Sua intenção é estimular os jovens não só para uma provável carreira esportiva, mas também para o desenvolvimento de sua vida acadêmica. A CBDU é responsável pela organização de grandes competições nacionais e também pela representação do Brasil nos jogos internacionais da FISU, da qual é membro fundadora. Esta instituição é constituída por 27 Federações Desportivas Universitárias Estaduais, participantes do maior evento esportivo promovido pela mesma, os Jogos Universitários Brasileiros, os JUBs, organizados a cada ano, com sete modalidades obrigatórias (atletismo, basquetebol, voleibol, handebol, futsal, judô e natação) e até cinco opcionais, indicadas pelo Comitê Organizador da cidade-sede.

A CBDU também é responsável pela organização dos Campeonatos Brasileiros Universitários, que abrigam as modalidades não participantes dos JUBs. (informações obtidas no site oficial da CBDU: www.cbdu.com.br, acesso em: 10/09/2005)

2.1.1 Variáveis e Apontamentos Teóricos do Esporte Universitário Competitivo

Nas competições universitárias, qualquer aluno, de qualquer universidade pode participar, seja em modalidades individuais como coletivas, mas para isso precisa de algo que comprove sua “presença” em suas respectivas faculdades. Nessas competições, podemos ver três “tipos” de atletas. O primeiro¹, atletas profissionais que entram nas universidades, principalmente privadas, através de bolsas de estudo (quanto a isso, muitas dessas universidades procuram desenvolver algum tipo de marketing, através da participação de competições).

Mas qual é o verdadeiro problema de atletas profissionais participarem das competições universitárias? A prática dessas modalidades esportivas deveria ser um método utilizado pelas instituições de ensino dar oportunidades a todas as pessoas, não somente disponibilizar bolsas de estudo para se promover em competições, pois assim estará criando algo exclusivo de alguns alunos.

O segundo, ex-atletas profissionais que não participam rigorosamente de todas as competições, parecendo que tratam o Esporte Universitário como uma forma de lazer, podendo ser uma oportunidade de somar algo aos seus companheiros de treinamento, bem como de ajudar o professor/educador nas sessões de treinamento, pois é muito importante a troca de conhecimentos, principalmente no âmbito universitário. A terceira, alunos que simpatizam com alguma modalidade esportiva que, a partir de uma formação assistemática e desorganizada, praticam Esporte nas Universidades. A forma assistemática que queremos dizer é o fato da falta de verba e de se tratar de uma iniciativa não institucional essa participação; e desorganizada, por se tratar de um atleta que não cumpre com todos os compromissos da equipe, como, por exemplo,

¹ Estes “tipos” são descritos de acordo com as experiências vividas pelo pesquisador nas competições universitárias do estado de São Paulo, organizadas pela FUPE. Trata-se de uma observação Empírica e permite uma reflexão sobre o Esporte Universitário e sobre seus participantes.

deixa de participar de sessões de treinamento e de jogos por outros motivos, como provas, trabalhos e outros compromissos não-acadêmicos.

Quando destacamos Esporte Universitário “competitivo”, diferenciamos qualquer manifestação esportiva dentro das universidades, como atividades de lazer, ou seja, o futebol desinteressado do fim de tarde, do sistematizado, a fim de participar de competições.

2.2 O Esporte e Educação Física no Ensino Superior – Apontamentos Teóricos

A partir da década de 1960, houve mudanças na política educacional do país. Sobre isso Betti (1988) escreve que

O período assinalou a ascensão do esporte à razão do Estado e a inclusão do binômio Educação Física / Esporte na planificação estratégica do Governo. Ocorreram também profundas mudanças na política educacional e na Educação Física Escolar, que subordinou-se ao sistema esportivo, e à expansão e sedimentação do sistema formador de recursos humanos para a Educação física e o Esporte. (p. 100)

Na mesma década, com a ditadura e a censura, os militares queriam formar jovens preparados. O objetivo dos mesmos seria simplesmente preparação física, com isso, nas etapas da educação brasileira (Ensino Fundamental, Médio, antigos 1º e 2º graus, e Ensino Superior) foi introduzida a obrigatoriedade da prática da Educação Física, mas ao mesmo tempo, foram retiradas do currículo desses estudantes, aulas como filosofia, vale lembrar que a Educação física foi introduzida no Ensino Superior pelos militares.

O Exército tinha como objetivo formar estudantes/recrutas, mas subjetivamente alienados e não questionadores do governo, daí a mudança no currículo escolar. Para os militares, era de extrema importância essa medida, para que o “novo governo” se tornasse estável e confiável. Na década de 1980, Moreira (1985, p. 20)) já escrevia sobre este fato, discordando “da forma pela qual aparece sua obrigatoriedade, casuisticamente substituindo, nas décadas 60/70, disciplinas como filosofia”.

Em relação à sua função alienante, temos o mesmo autor escrevendo sobre a educação física obrigatória na década de 1980:

De importante fica que o modelo da Disciplina Prática da Educação Física na Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP, até 1982, tinha como suportes ideológicos básicos enfatizar, através do esporte, o modelo capitalista de rendimento individual, valendo aquele que mais rende, ao mesmo tempo que impulsionava o corpo discente e docente da universidade para a desmobilização e alienação. Nesta fase, a luta é para que esta situação fique clara e, pelo menos, passe a fazer parte do consciente de alunos e professores; isto, cremos ser um processo de educação, pela ação da educação física, e não mera performance desportiva. (MOREIRA, 1985, p. 41)

Quanto à educação física naquele período, o mesmo autor escreve como ela era organizada, discordando:

- de sua fundamentação legal (vigente até hoje, como veremos), que estabelecia e ainda estabelece a educação física no terceiro grau como predominantemente recreativa;

(...)

- da própria nomenclatura da disciplina, caracterizada como prática da educação física, o que em última análise só vem reforçar a dicotomia corpo/intelecto (na ciência) ou corpo/espírito ou alma (no senso comum da religião), não tributando à disciplina sua verdadeira dimensão, enquanto meio para desenvolvimento integral do indivíduo e de sua classe social. (MOREIRA, 1985, p. 21)

Aulas de Educação Física foram introduzidas nas Universidades de acordo com o Decreto Nº 69.450 de 01 de novembro de 1971, onde podemos destacar a seguinte menção:

Título II

De Caracterização dos Objetivos

Artigo 3º - A educação física, desportiva e recreativa escolar, segundo seus objetivos, caracterizar-se-á:...

III – No nível superior, em prosseguimento à iniciada em graus precedentes, por práticas, com predominância, de natureza desportiva preferentemente as que conduzam à manutenção e aprimoramento da aptidão física, à conservação da saúde, à integração do estudante no campus universitário, à consolidação do sentimento comunitário e de nacionalidade.

Assim como Moreira (1985), pode-se destacar a função alienante da prática desportiva dentro das universidades, usada pelo Estado, para que não houvesse questionamento quanto ao Governo ditatorial. O autor critica o fato das aulas de educação física substituírem aulas como as de filosofia, pois acredita que as aulas de Educação Física são muito importantes para o desenvolvimento biológico, físico, psíquico e intelectual, mas o governo fez com que essas aulas fossem responsáveis por “criarem” alunos/cidadãos não críticos ao seu modo de governar, ou seja, fez dos mesmos: cidadãos alienados, além de reconhecer a importância das disciplinas retiradas dos currículos escolares para o desenvolvimento do ser humano. Acreditamos, assim como Santin (in: Passos, 1988) que:

Neste universo tão complexo e tão desumanizado, sem dúvida, a educação física e as práticas esportivas podem trazer um ingrediente para, com novas propostas, abrir caminhos de uma nova humanidade e de novos projetos de humanização. (p.55)

O papel da Educação Física é muito importante para a formação do ser humano e o autor citado descreve essa importância. Ainda de acordo com essas idéias, Gebara (in: Passos, 1988) expressou um pensamento referente ao verdadeiro papel desempenhado por estas aulas, como também da universidade, na década de 1980:

Efetivamente, quer consideremos o 3º grau como um dos aparelhos ideológicos do Estado, ou ainda como reprodutor de trabalhadores qualificados e disponíveis para as necessidades do capital, ou mesmo pensando o 3º grau como formulador mais privilegiado da ideologia dominante, é inevitável considerar que, a despeito de quaisquer destas posições, é na universidade que os campos de conhecimento científico são os mais adequadamente formulados. Não existe qualquer proposta política que tenha, ou mesmo pretenda, dispensar esse papel que a universidade efetivamente tem. (p. 128)

De acordo com Moreira (1985), deve-se destacar algumas das principais características da Educação Física, não só no Ensino Superior, mas também no 1º e 2º graus, nas décadas de 70 e 80:

Lembramos que os objetivos básicos de uma educação física nas primeiras séries do 1º grau devem estar orientados para a descoberta e desenvolvimento das habilidades psicomotoras, através de atividades lúdicas, recreativas, onde se vivencia toda a iniciação pedagógica em movimentar o corpo, com agilidade, equilíbrio e destreza. Na parte final

desta fase e no ensino do 2º grau deve aparecer a prática desportiva. Já no ensino superior trabalha-se no conhecimento anátomo-fisiológico mais complexo, no desenvolvimento e criação de novas técnicas desportivas, nos conceitos de condicionamento físico, bem como formas de identificar, conseguir e desenvolver qualidades físicas básicas. Portanto, resumir a orientação no ensino da educação física do 1º ao 3º grau, mesmo reconhecendo as peculiaridades do ensino noturno, de forma análoga, à prática desportiva, é no mínimo desconhecer tanto o processo pedagógico da educação física como, em certa parte, o processo bio-psico-intelectual do ser humano. (p.30)

Outra autora, Passos (1988), também critica o papel da educação física, que não foi realizado nesse contexto, preocupando-se mais com o rendimento de seus alunos do que com o desenvolvimento dos mesmo, quanto a isso, a autora escreve que:

Ao longo dos tempos, a educação física brasileira parece ter se preocupado mais com o esporte competitivo, os resultados, os recordes, a aptidão física, a beleza do corpo e uma série de outros aspectos do mesmo gênero. Por isto, na maioria das vezes, a sua ação se caracterizou pelo desenvolvimento de atletas para representar a instituição, a cidade, o município, o estado ou o país em algum evento esportivo importante ou por séries de exercícios para disciplinar ou modelar o corpo, como se fosse possível, de um momento para o outro, adquirir o padrão de beleza corporal vigente na época. (p. 19)

De acordo com Gebara (in: Passos, 1988, p.129), “a educação física deve propor-se, e desta maneira estabelecer relações com o ensino de 3º grau, de maneira ativa, criadora crítica e reflexiva. Não basta apenas estar na universidade, é absolutamente imprescindível compor a universidade”, pode-se dizer que a Educação Física daquela época era feita de forma alienante e acrítica, pois não desenvolvia um processo de humanização de seus alunos/participantes.

Já acreditava Oliveira (in: Passos, 1988), que as aulas de educação física daquela época eram mal ministradas e realizadas em espaços inadequados para a prática das atividades propostas pelo Governo nas entidades do Ensino Superior, ou seja, as aulas de Educação Física na Universidade acabavam sendo desvalorizadas e não freqüentadas, embora obrigatórias, pelos alunos. Quanto a isso, Gebara (in: Passos, 1988) também escreveu, afirmando que:

A fragilidade histórica dos cursos, o despreparo acadêmico dos profissionais da área, a incorporação de uma prática de atividades físicas dentro de uma concepção militarista permitiram a hegemonia do pensamento conservador, burocrático e acrítico. (p. 134)

Para os estudantes, a época da ditadura militar não foi somente uma época em que a educação física era utilizada como forma utilitarista, mas toda a universidade era tida como tal, assim como afirma Buarque (in: Passos, 1988):

Ao longo das ultimas décadas, o utilitarismo tomou conta da universidade, submetendo-a à exigência de uma produtividade, sobretudo nas áreas científicas e tecnológicas. A universidade passou a ser vista apenas como parte de um sistema econômico em crescimento, com o destino específico de fazer funcionar bem a produção social. A universidade deixou de ser um lugar de prazer e alegria, como foi ao longo de sua história, quando a geração do saber não era vista como produção alienada, mas sim como um processo de realização do ser humano e do projeto da humanidade. Mesmo as áreas do conhecimento que se caracterizariam por compartilharem a realização humana, como as artes, a filosofia, o esporte, foram aprisionadas dentro da mesma lógica da ciência utilitária. Os professores de arte passaram a ser mais prestigiados pelo que eles conheciam de outros artistas do que pelas artes que eles praticavam; os professores de educação física passaram a receber incentivos apenas pelo conhecimento científico que desenvolviam, sem qualquer atenção, cuidado ou interesse pela prática em si do esporte. (p. 11)

Nos dias de hoje, após o término da obrigatoriedade da prática da Educação Física no Ensino Superior na década de 90, podemos perceber qual é o papel não só do profissional da área quanto à prática de sua profissão no ensino superior, mas da própria Educação Física, que não está presente de forma direta na vida dos universitários, mas que, através da prática e de treinos de certas modalidades esportivas, fazem parte do cotidiano dos mesmos. Vale lembrar que não cabe a este estudo desenvolver um levantamento de como é a educação física escolar no Ensino Fundamental e Médio, mas sim de reconhecer qual é o verdadeiro papel da prática de atividades físicas e desportivas, através do Esporte Universitário, ou das aulas de Educação Física, por parte dos alunos universitários nos dias de hoje.

Assim como Tani (in: Passos, 1988), acreditamos que a prática de exercícios físicos, atividades físicas (recreativas e esportivas) no âmbito universitário deve servir como forma de orientação aos seres humanos em formação, para que obtenham uma vida saudável no futuro, ou seja, devemos dar mais ênfase às “melhorias” que as atividades proporcionam ao futuro dessas pessoas do que aos benefícios imediatos que elas desenvolvem. Devemos dar orientação para que estas atividades, sendo recreativas ou esportivas, não sejam restritas ao tempo em que os alunos do ensino superior passam em suas universidades, mas que sirvam de ensinamento por toda a vida.

O autor afirma, ainda no tempo em que a educação física era obrigatória no ensino superior, que:

Talvez seja demasiadamente tarde para que, já no ensino de 3º grau, se tente conscientizar as pessoas destes valores. Mas, é preciso reconhecer também que, conforme os fatos mostram, muitos os adquirem após a idade adulta. É altamente significativo o aumento do número de pessoas adultas que praticam regularmente as atividades físicas, em comparação com alguns anos atrás. Além do mais, se considerarmos que estes universitários serão pais futuramente terão influência sobre outras pessoas e, portanto, serão potenciais multiplicadores desta consciência, parece-nos sensato concluir que a educação física tem um papel importante a desempenhar no ensino de 3º grau. (TANI, in: PASSOS, 1988, p.28)

Ao nos situarmos no momento histórico que o nosso país passava no final da década de 1980, devemos ter em mente que o Brasil saía de um regime governamental militarista (Ditadura Militar), que não desejava incômodos quanto ao seu plano de governo, portanto, as publicações deste período de nossa história trazem duras críticas sobre como esse plano era levado pelos militares, assim, muitos dos autores têm “projetos” e publicações que tratam de uma maneira mais humanista sobre qualquer aspecto, inclusive na educação, discordando com o que era ensinado nas escolas, de Ensino Fundamental, Médio e também no Ensino Superior.

Deixando de lado os momentos históricos e dando ênfase aos dias de hoje, a educação física deixou de ser obrigatória no ensino superior, mas nem por isso deixou de existir nas universidades brasileiras. Primeiramente, devemos ter conhecimento de algo que se manifesta juntamente com o Esporte na Educação Física, ou seja, a esportivização da Educação Física no ensino do Ensino Fundamental, Médio e, principalmente no Ensino Superior. Sobre o ensino do Esporte nas escolas, Paes (2001) escreve que o mesmo é

(...) oferecido de forma fragmentada, repetitiva e seletiva, sem nenhum compromisso com ensino, pouco contribuindo para a educação dos alunos. Na verdade, esta situação ainda pode ser verificada na escola, onde a prática esportivizada é feita sem nenhum objetivo, com um fim em si mesma. (p. 19)

Em seu livro, o autor expressa sua discórdia quanto à esportivização da Educação Física escolar, que pode se tornar alienante, sem formação de alunos críticos e preparados para a

sociedade, sabendo ser esse o papel da educação, mas, para isso, há a necessidade de atuação de profissionais capacitados. Em seu estudo, Paes (2001) conclui que

O Esporte ensinado na escola como um conteúdo das aulas de Educação Física não deve ser confundido com uma atividade prática esportivizada. A diferença básica entre as duas situações é que a primeira apresenta um conteúdo com tratamento pedagógico, considerando que, para trabalharmos o esporte, no Ensino Fundamental, é preciso levarmos em conta as necessidades e possibilidades dos alunos em cada série. No caso da segunda situação, a prática esportivizada apresenta-se como uma atividade inócua, sem nenhuma preocupação com a formação do aluno. Caracterizando-se pela repetição da mesma prática em todas as séries do Ensino Fundamental não promove o desenvolvimento, acabando por excluir os alunos menos aptos. (119)

Em seu estudo, o autor destaca a Educação Física escolar, mas não podemos deixar de lado que este contexto se encaixa nos parâmetros da mesma no Ensino Superior, ou seja, assim como para crianças, a Educação Física tem grande importância também para alunos universitários.

O Esporte Universitário está presente não só na Unicamp, mas em todo o mundo, como foi destacado na introdução deste estudo. Realizando um breve estudo de caso, na Unicamp há a formação de equipes de esportes coletivos, organizados pela LAU (Liga das Atléticas da Unicamp), que são responsáveis por representar a instituição nos JUPs (Jogos Universitários Paulistas). Há também a organização de equipes por faculdades, onde cada Associação Atlética é responsável pela estruturação do esporte dentro de suas instituições. É a partir da formação dessas equipes que, além do Esporte Universitário ser educacional, não só para os alunos, mas também servir aos Laboratórios de Pesquisa da Unicamp como fonte de pesquisa científica, podendo desenvolver trabalhos para uma melhor formação acadêmica de seus alunos.

Como já citado anteriormente, o Esporte Universitário está presente em todo mundo, havendo até competições e torneios internacionais. Como exemplo mundial, podemos destacar a importância do Esporte Universitário nos EUA, onde é desenvolvido um trabalho extremamente profissional em volta das Universidades daquele país, sendo até celeiro de jovens promissores atletas profissionais. Como exemplo de um Esporte Universitário bem organizado e servindo como celeiro de jogadores, temos o campeonato de basquete universitário para a NBA (Liga Americana de Basquetebol) e, o futebol americano universitário para a NFL (Liga Americana de Futebol Americano). Já na década de 1980, o país era uma referência mundial de

profissionalismo e todo tipo de pesquisa em cima do Esporte Universitário e podemos ver isso através de Gebara (in: Passos, 1988), que afirma:

Cabe referenciar, ainda que superficialmente, o fenômeno recente da presença nominal de algumas universidades associadas a equipes de alto rendimento. Trata-se de uma tímida aproximação do modelo norte-americano, onde o esporte competição de alto rendimento tem nas universidades uma de suas sustentações maiores. Ocorre que, nos E.U.A., as universidades têm no esporte um poderoso instrumento de marketing; mais ainda, elas estruturam-se em paralelo com um sistema altamente profissional; profissionalismo não apenas operacionalizado ao nível de técnicos e jogadores mas, sobretudo, ao nível do gerenciamento, da administração e do marketing. (p. 133)

2.3 Estudo de Caso – Faculdade de Educação Física da Unicamp

Como podemos observar mais precisamente os espaços disponíveis para as práticas de atividades físicas dentro da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), vale a pena destacar alguns aspectos de como a Educação Física se manifesta dentro da universidade, mais precisamente no espaço físico da Faculdade de Educação Física (FEF).

A Educação Física está constantemente presente no cotidiano, não só dos alunos, mas de professores(as), funcionários(as) e também da comunidade que vive em torno do “universo” da UNICAMP. Haja visto que são disponibilizados vários projetos de extensão, na FEF, onde são desenvolvidos programas de atividades físicas, em diversas modalidades (como capoeira, dança, parede de escalada, ginástica, musculação, tênis, condicionamento físico, natação e outras atividades). Nesses programas, podemos destacar a presença de diversos alunos da faculdade que, têm com essas atividades, possibilidades de desenvolver um estágio dentro da instituição.

Mas a profissão e o objeto de estudo da Educação Física não se resumem, na UNICAMP, somente aos projetos de extensão disponíveis. Pode-se observar constantemente pessoas que procuram práticas isoladas e individuais de educação física, como caminhadas pelo campus, no “laguinho” (presente ao lado da FEF) e também em práticas esportivas nas quadras externas da faculdade, onde há espaço para modalidades como futsal, handebol, voleibol, basquetebol e outras.

Pode-se dizer que os alunos da Faculdade de Educação Física têm um grande material humano, portanto de pesquisa, pois muitos dos estudantes, professores, funcionários e muitas outras pessoas estão constantemente presentes em seus espaços, que podemos chamar de “laboratórios”.

Há também outras oportunidades que podemos destacar para o desenvolvimento da profissão, como por exemplo, a vivência do gerenciamento esportivo, presente na formação das “Associações Atléticas”, assim como de gerenciamento empresarial, com as Empresas Juniores.

O propósito das reflexões acima é único: destacar a importância da Universidade na formação de um profissional. O tema central deste estudo, assim como tivemos a chance de observar, é a presença do esporte como forma educacional no âmbito universitário. Para desenvolver este estudo, devemos destacar não somente a presença do esporte nessas instituições, mas também como tudo isso é aproveitado pelas mesmas, a fim de tornar o Esporte Universitário um fator importante na educação dos alunos do ensino superior.

A crítica feita à presença de aulas de educação física e do esporte dentro das universidades, no período da ditadura, não se restringe somente ao fato dos mesmos serem fruto do desenvolvimento de pessoas alienadas, mas pelo fato de não ser desenvolvido estudos insuficientes em torno de um “laboratório” tão grande como esse.

O papel da universidade é o de desenvolver pesquisa, e cabe aos futuros profissionais saber a melhor oportunidade de pesquisar algo que seja benéfico para a sociedade em que vive.

Não se pode afirmar que deve haver uma melhor preparação física dos “esportistas universitários”, mas havendo uma imensidão a ser explorada dentro dessas modalidades, o exclusivo interesse deste estudo se baseia no seu papel educacional. Assim como, por parte dos alunos de Educação Física poderem desenvolver melhores trabalhos, aprendendo desde o período universitário a sanar os problemas que podem aparecer dentro de uma sessão de treinamento, assim como de saber lidar melhor com as pessoas com quem estão trabalhando. Na década de 80, Gebara (in: Passos, 1988) afirmava que:

Se a prática da educação física na universidade tem já recebido alguma atenção, o mesmo não se dá com a prática desportiva. Com relação aos esportes, é evidente a inexistência de pesquisas e trabalhos tratando do assunto. Por isso mesmo, algumas experiências isoladas (Unimep no basquetebol feminino e Gama Filho no atletismo) não

foram estudadas, sendo difícil afirmar que as mesmas poderiam constituir eventuais modelos para o desenvolvimento dos esportes de alto rendimento na universidade. Cabe indagar, nestes casos, o que representam estas experiências para a prática dos esportes na universidade. É efetivamente a universidade que está praticando o esporte, ou seriam apenas alguns profissionais captados pela máquina promocional do esporte? (p. 130)

Devemos ter em mente que a prática de esportes (coletivos ou não) não devem ser a única forma da Educação Física estar presente na vida da comunidade universitária. Já a respeito disso o mesmo autor já destacava que:

Desporto, atividade física e lazer, entre outros elementos constitutivos da educação física, podem tornar-se, em momentos históricos diferentes, o núcleo central da educação física, sem que com isso venham a definir ou delimitar o conteúdo científico da educação física. Por exemplo, nas décadas de 1930 e 1940, os elementos constitutivos centrais da educação física no Brasil foram o militarismo e a preocupação eugênica. Da mesma maneira, os esportes na universidade, ou em qualquer outro local, jamais poderão ser confundidos com a educação física, não obstante possam ser considerados forma prioritária de atividade física. (GEBARA, in: PASSOS, 1988, p. 132)

2.4 Relacionando o Esporte Universitário Competitivo com o Olimpismo

Quando falamos de esporte educacional, pode-se relacionar o Esporte Universitário com a educação esportiva idealizada pelo Olimpismo. A respeito deste assunto, podemos citar como fonte de referência bibliográfica o estudo realizado por Sigoli (2005) apresentado à Universidade de São Paulo. Neste, o autor destaca

Assim como o modelo esportivo britânico desenvolvido nas escolas aristocráticas, o desenvolvimento da filosofia educacional chamada Olimpismo é uma evidência histórica da função formativa do esporte. Sua discussão justifica-se para que se possa compreender que, desde os seus primórdios, o esporte teve objetivos voltados para a educação de crianças e jovens e ainda hoje merece esse crédito.

Os valores educativos do esporte foram amplamente divulgados por um movimento pedagógico humanista, que se desenvolveu no final do século XIX. O Olimpismo ou Ideário Olímpico foi o conjunto de idéias desenvolvidas pelo pedagogo francês Pierre de Coubertin. O movimento teve por objetivos promover uma reforma educacional com base na prática do esporte e também restaurar os Jogos Olímpicos como um elemento de promoção da paz entre os povos do mundo. (p. 06)

O modelo esportivo britânico mencionado pelo autor foi desenvolvido para que acabassem com a violência nas escolas e também na sociedade britânica no século XIX. De acordo com o autor, os esportes passaram a ser regrados, as escolas mais rígidas quanto a liberdade a seus alunos e, assim, através dos esportes, a violência naquele país foi diminuindo gradativamente. A partir deste modelo, Coubertin sentiu que este modelo seria ideal para qualquer sociedade.

Sigoli (2005) continua escrevendo sobre o papel do pedagogo francês para a criação do Olimpismo

Coubertin acreditava que a educação liberal pautada em currículo contendo um programa esportivo havia sido a causa da prosperidade inglesa no século XIX. Pretendia realizar uma reforma na educação francesa, a qual julgava conservadora, atrasada e pouco efetiva na preparação dos jovens para a vida em sociedade. Ao contrário da educação inglesa, que segundo o pedagogo francês, convertia a vida escolar em um primeiro capítulo da existência social, o jovem alcançava através dela a independência e a virilidade, observando leis que mantinham sua responsabilidade individual a altura de sua própria consciência, em consonância com a sociedade em que vivia. (p. 07-08)

Vale ressaltar que o Olimpismo não era um ideal esportivo, mas sim uma filosofia de vida, tida como ideal por Coubertin. O autor já citado anteriormente descreve que

De acordo com a definição contida na Carta Olímpica, o Olimpismo é a filosofia de vida que exalta e combina de forma balanceada as qualidades do corpo, da mente e da alma. A carta ainda declara que, ao misturar esporte, cultura e educação, o Olimpismo visa criar uma forma de viver baseada no prazer encontrado no esforço, no valor educacional do bom exemplo e no respeito pelos princípios éticos fundamentais. (p. 08)

Quanto a importância do ideal olímpico presente na educação dos cidadãos, o autor ainda menciona que

A meta do movimento olímpico seria contribuir para a construção de um mundo melhor e mais pacífico, através da educação dos jovens pela prática do esporte, sem qualquer tipo de discriminação com um espírito olímpico, o que subentende a compreensão

mútua entre os povos, o espírito de amizade, solidariedade e jogo limpo (*fair play*). (p. 09)

A intenção de inserir esta parte no estudo consiste em destacar que o esporte educacional faz parte do ideal olímpico e, assim, pode influenciar na educação de qualquer faixa etária, em qualquer agência educacional, seja ela formal ou não-formal.

Segundo a fonte já mencionada anteriormente, podemos destacar que

A discussão dos valores educativos do esporte mostra-se atual em função dos recentes esforços para a realização de programas que retomam os ideais olímpicos de Coubertin, desenvolvido no final do século XIX. Essas ações demonstram que o intento do pedagogo humanista francês ainda pode ser utilizado nas escolas do mundo contemporâneo para educar crianças e jovens, visando prepará-los para uma melhor adaptação à vida cotidiana em sociedade. (p. 11)

De acordo com o autor, o esporte pode atuar como fator determinante no processo de formação do ser humano, baseado nos ideais de Coubertin. Sendo assim, podemos “retomar” seus ideais para que, assim como o objetivo deste estudo, demonstrar a importância do Esporte Universitário competitivo faça parte desta formação.

3. PARTE II

O ESPORTE COMO PRINCÍPIO EDUCACIONAL: RELACIONANDO TEORIAS E REALIDADES DO ESPORTE EDUCACIONAL COM O ENSINO SUPERIOR

Queremos neste estudo, como já foi mostrado, abordar a importância educacional do esporte, sabendo que o mesmo faz parte da Educação Física. Mas isso implica que os alunos não participem de forma alienada, mas podemos fazer com que todos que estejam envolvidos no mesmo participem de forma crítica, construindo um ambiente educacional para os mesmos.

Para começarmos, deve-se destacar a importância do Esporte, que de acordo com Montagner(1993) é caracterizado como

fenômeno do século XX, o esporte revela sua importância quando se avalia o interesse da coletividade mundial em eventos grandiosos, tais como a Copa do Mundo de Futebol ou os Jogos Olímpicos. (p. 01)

Outro autor, também destaca o papel do Esporte dentro da sociedade e de acordo com ele, podemos destacar sua importância dentro da cultura dos jovens, como forma educacional para o Ser Humano. Assim, Freire (1996) acredita que:

Há um fato para mim inquestionável. Não vamos reinventar o esporte. As modalidades esportivas são fruto da convivência dos homens com suas representações simbólicas... Os produtos simbólicos são o maior patrimônio da humanidade. O esporte é um desses patrimônios. Ora, se os outros produtos do conhecimento humano são ensinados aos nossos jovens, é mais do que evidente que o esporte também deve sê-lo. (p. 79-80)

Para desenvolver este estudo, acreditamos haver uma relação do esporte educacional no ensino fundamental e médio com o Esporte Universitário, pois os mesmos se desenvolvem em instituições de ensino, porém em faixas etárias diferentes, mas nem por isso sua importância é maior em um ou no outro. Para entendermos o Esporte como educacional, primeiramente,

devemos destacar as agências educacionais que assim como ele, escola, família, religião, etc, todos fazem parte de um processo educacional para o ser humano. Quanto a isso, Montagner (1993) descreve

As crianças e adolescentes, participantes do esporte de competição, elementos de investigação desta pesquisa, possuem obrigações e afazeres diários. Entre eles: a escola, a família, o clube e outros mais, com todos eles estabelecendo metas e tarefas a cumprir.

Os objetivos da família são diferentes dos objetivos da escola e dos clubes. Em cada agência existem visões e influências diferenciadas. Essas influências são concretas e o processo educativo acontece nessa dinâmica social de trocas e de valores existentes nessas agências. (p. 19-20)

O mesmo autor também destaca a importância da escola, mas acredita que não só a mesma desempenha um papel educacional para o ser humano, sobre isso Montagner (1993, p. 28) escreve que “formalizar, através de alguma placa, denominá-la ESCOLA, não é a única forma de se construir a educação. Ela existe sob diferentes formas e em tantas situações que, por vezes, até se torna invisível”.

Este autor destaca o processo educacional do esporte dentro do clube sócio-esportivo, como uma forma não-formal de ensino, pois se desenvolve fora do ambiente escolar. Descrevendo sobre o clube sócio-esportivo, podemos fazer uma relação do Esporte Universitário com esse ambiente. Sobre o processo educacional nos clubes, Montagner (1993) descreve:

a educação assistemática, não-formal, que ‘compreende os vários processos de transmissão cultural, englobando, dessa forma, toda relação pedagógica’. Não se pode afirmar que isto sempre ocorre nos clubes, porém tem-se o clube, sem dúvida, como um possível local para essas articulações. (p. 21)

Continuando, escreve que

O esporte é um elemento de comunicação. Tem a capacidade de influir sobre seus participantes e integrantes em diferentes áreas de atividades, desde a iniciação esportiva até a profissional. Justamente por essa potencialidade de comunicação, existente na atividade esportiva, e por ser o trabalho desenvolvido nos clubes considerado fator importante no processo educativo, ou seja, como sendo a educação uma obrigação

também da sociedade, investimos no argumento em favor da idéia que sempre será possível compreender o Homem com uma visão humanista.

Ocorrem diversos processos educativos dentro do âmbito social, do grupo, do coletivo. Essas comunicações existentes no esporte são amplas e, se o seu objetivo for humanizador, então consolidar-se-á como um elemento de educação. (MONTAGNER, 1993, p. 21-22)

A partir dessas informações, o autor discute sobre como se dá a educação nos ambientes dos clubes, assim como do ambiente esportivo, principalmente nas competições, distinguindo este ambiente dos demais, dando sua devida importância como agência educacional. Essa importância se dá devido ao que chama de “comunidade esportiva”, que podemos saber mais com o seguinte trecho, onde Montagner (1993) destaca:

No momento de participar da competição esportiva e da convivência do clube, ali se passa a construir uma escola. É a comunidade esportiva (professores, técnicos, dirigentes, árbitros, pais, etc) transmitindo e recebendo saber, experiências e valores. É um local momentaneamente provisório, onde ocorrem as trocas e a possível formação do instrumento esporte em um instrumento educacional. (p. 28-29)

Defendendo o esporte competitivo como instrumento de educação, Sígoli (2005, p. 20) acredita que “para ser incluído em um ambiente educacional, o esporte deve ser tratado pedagogicamente”, continuando, diz que

(...) a competição não deve ser negada, pois está implícita à prática do esporte, mesmo no contexto educacional. O que se deve evitar em um ambiente escolar e pedagógico é um enfoque competitivo exclusivamente preocupado com o resultado. A dinâmica da competição é um fator motivacional muito importante para a adesão à prática. A exaltação gerada pela participação, pela interação e pela possibilidade da criança demonstrar suas competências deve suplantear o valor dado à vitória. (p. 20-21)

Em seu enfoque para o esporte como fator educacional, Sígoli (2005, p. 21) destaca a importância das competições neste processo. Para ele a “competição influenciaria comportamentos que estão na base dos estatutos individuais e sociais, ou seja, colabora com processos de evolução pessoal e socialização de crianças e jovens”.

Continuando, diz que

A competição seria uma excelente oportunidade de construção da imagem social do indivíduo, por meio da interação promovida pela dinâmica esportiva, quando a criança pode mostrar suas capacidades e sentir-se aceita pelo grupo social. (p. 21)

Vale ressaltar que a base da pesquisa do autor citado é o papel educacional do esporte para crianças e jovens, mas como afirmado anteriormente, pode haver a manifestação do mesmo em qualquer faixa etária, precisamente dizendo em universitários, através do Esporte Universitário competitivo.

Relacionando o papel do clube sócio-esportivo com o do Esporte Univesitário, o mesmo é uma agência extra-escolar (que nesse caso seria fora do ambiente escolar das universidades) de formação do Ser Humano para o mundo em que vivemos. De acordo com Montagner (1993)

O clube sócio-esportivo é um aparelho educativo e adquire, no trabalho do esporte-competição aqui proposto, o perfil e o objetivo constante de formadores educacionais, atuando como elemento de qualificação extra-escolar, somando seus esforços na integração do Ser Humano ao mundo, não sendo um simples prolongamento da escola, mas uma instituição que colabora no projeto de formação global do Homem. (p. 32)

Destacando outras importâncias do esporte, sem mencionar sua importância física, de prevenção de doenças, etc., em seu trabalho, Sígoli (2005) destacou três principais valores educacionais do esporte: a formação do caráter, a evolução pessoal e a socialização.

A formação do caráter destaca-se por desenvolver valores pelos quais os atletas se baseiam para agir diante de “questões morais”. De acordo com o autor, a formação do caráter é moldada a partir do momento em que o esporte ensina

o atleta a respeitar os outros através de regras, ensinamentos, penalizações e experiências, sejam adversários ou companheiros, independente de sua raça, sexo, religião ou nacionalidade, pois todos têm uma história semelhante, viveram as mesmas preocupações, as mesmas adversidades. (p. 14)

Quanto à evolução social, desde que sua interação com o meio faça com que desenvolva auto-estima, a fim de se sentir útil na sociedade em que vive. O autor destaca sua importância a partir de que

O atleta está sempre avaliando sua capacidade, seus limites, tentando expandi-los para melhorar sua performance. Esse fato faz com que tenha um maior autocontrole, aumentando sua confiança e sua auto-estima. O indivíduo consciente de seus limites, de sua força de superação e com a auto-estima bem desenvolvida, estaria mais apto a enfrentar os desafios da vida em sociedade. (p. 14)

Já em relação à socialização, Sígoli (2005, p. 15) acredita que é “a aquisição de valores, normas e modelos de comportamento para o envolvimento social do indivíduo”, isso tudo ocorre, pois o mesmo acredita que o “esporte, como fenômeno cultural e social por excelência, desempenha um papel importante no âmbito da socialização”.

Como parte da educação de crianças e jovens Montagner (1993) descreve sobre o esporte da seguinte maneira:

Somente se acredita na educação, através da prática esportiva de competição, à medida em que se prepara a criança e o jovem para serem capazes de enfrentar os desafios em um universo sócio-cultural em constante mutação.

Não se deve doutrinar, mas sim instigar a liberdade de ação, de pensamento, de contestação, baseada em valores de responsabilidade e respeito ao semelhante. (p. 35)

De acordo com o que Montagner (1993) escreve, mais especificamente nesta parte de seu texto, essa manifestação dentro do esporte, seja ele de competição ou de recreação, podemos relacionar estes valores, de crianças e jovens, para os universitários, pois são igualmente seres humanos e estão em constante “evolução” e aprendendo sempre.

Mas há muito que se discutir sobre o papel do esporte como agência educacional, seja para crianças, jovens, universitários, ou qual seja a faixa etária dos praticantes. É importante frisar que, de acordo com Montagner (1993, p. 50) “dizer meramente que o esporte educa, através das regras esportivas ou que ele ensina a perder e ganhar, que ele disciplina e faz bem à saúde, não se configura como uma reflexão profunda e uma postura crítica na qual um educador deve se impor”, pois acreditamos que o esporte em si mesmo não desempenha um papel “completo” de

educação, pois estão envolvidas outras variáveis dentro do mesmo, como o técnico/educador, por exemplo.

O esporte não atua como educacional, somente, no aspecto físico do ser humano, ou seja, é lógico que o mesmo tem importância na educação física, principalmente participando das atividades físicas de várias pessoas, seja no ambiente universitário, nos clubes, ou escolas, mas temos, de acordo com Sígoli (2005), que

O esporte tido como um instrumento no processo de educação de jovens e crianças é tema bastante discutido na atualidade. Existe uma concordância entre educadores, técnicos, pais e ex-atletas que afirma ser de grande importância a prática esportiva na formação educacional e social dos jovens. Essa corrente confunde-se entre pesquisas, reflexões e o senso comum da população, deixando a idéia de que o esporte é benéfico para a educação em diversas circunstâncias e de forma incontestável. (p. 11)

E ainda continua, dizendo que

Outro aspecto importante seria o fato de a competitividade esportiva poder ser transferida para a competitividade observada na vida social, preparando a criança e o jovem para a confrontação de situações da vida cotidiana em sociedade. (p. 12)

Ainda referindo-se a Sígoli (2005, p. 12), o esporte terá sua importância educacional de acordo com os projetos pedagógicos, ou seja, depende da maneira como é conduzido, e qual a orientação é dada ao mesmo, por isso a importância de quem atua nele, como o treinador/educador, por exemplo.

Como já foi dito anteriormente, ainda falta muito desenvolvimento não só do Esporte Universitário, mas de todos que estão envolvidos nessa manifestação no nosso país. Ou seja, queremos dizer com isso que falta profissionalismo por parte dos participantes diretos e indiretos do mesmo, pois falta compromisso por parte de muitos “atletas”, técnicos, “dirigentes”, mas principalmente por parte da própria Universidade, que poderia fazer do Esporte Universitário uma grandiosa fonte de pesquisa e desenvolvimento profissional, e humano, sabendo que isso seria muito importante para a formação de todos que estão envolvidos no mesmo, ou seja, dar a devida importância educacional que ele possui.

Mas não vamos discutir como deverá ser o papel da Universidade com o Esporte Universitário. Cabe a este estudo, assim como pensamos no início, que é importante descrever a importância do técnico/educador, principalmente no Esporte Universitário, mas que pode ser relacionado com as demais faixas etárias, pois, assim como afirmamos anteriormente, os seres humanos estão em constante desenvolvimento, inclusive na parte educacional.

Quanto a importância do técnico para o esporte, Montagner (1993) já escrevia que:

O técnico esportivo deve ser sobretudo um educador esportivo, capaz de se preocupar em estudar as virtuais possibilidades dos seus atletas, de modo a não violentá-los sobre os mais diferentes aspectos

(...)

O técnico-educador deve ensinar e transmitir os conceitos do esporte de competição não apenas ao atleta presente, mas para o homem futuro, aquele que vai interagir, partilhar e participar da sociedade. Para isto, o esporte não deve ser um fazer simplesmente mecânico, mas ser um incorporador de atitudes, um formador integral da personalidade. (p. 95)

Para que o Esporte Universitário seja responsável pela educação dos alunos/atletas, é necessário que haja uma conscientização dos técnicos e, principalmente, uma maior preparação para isso. A crítica anteriormente escrita neste estudo, sobre o esporte e a educação física no ensino superior terem sido usadas com outros fins pelos militares é o fato dos professores/técnicos realizarem suas aulas e treinamentos baseados nos militares. Sobre isso, Moreira (1985) escreve que:

A educação física como implantada por militares em diversos países, objetivando unicamente ao treinamento físico-militar necessário à formação, bem como relata que o professor de educação física assumiu o papel do preparador físico, incorporando em suas aulas normais a ordem unida, passando aí a um disciplinador por excelência. (p. 44)

Quanto ao papel que o professor de educação física no ensino superior na época militar, Moreira (1985, p. 45) descreve que o papel do mesmo seria “controlar presença, cumprimento de horário de aula, não permitindo atrasos na entrada nem antecipações na saída de ‘aula’”, deixando claro que estes professores não atuavam na educação dos alunos universitários, mas

colaborava para a prática de uma Educação Física não importante para os alunos praticantes da mesma.

Já em relação aos ambientes, levando em conta sua importância, o esporte está presente em todas as agências educacionais. Quanto a isso, Paes (2001, p. 17) escreve que “entendemos que o esporte está sempre vinculado a propostas educativas, seja na educação formal, seja na educação não-formal”, onde a formal caracteriza-se como o ambiente escolar e o não formal, o ambiente fora da escola, como os clubes, por exemplo. Mas não parando por aí, o mesmo autor também indica que:

Pode-se pensar o esporte desenvolvido na educação não-formal como uma continuidade do processo de educação formal. Isto na perspectiva da educação permanente.

Em nenhum momento, o esporte, quer formal quer não-formal, está desvinculado da educação. O professor de educação física na escola, e o técnico em esporte devem estar preocupados com a educação. (p. 18)

A educação permanente que o autor menciona é o fato de muitos dos ensinamentos que os seres humanos recebem durante alguma fase de seu desenvolvimento, permanece por toda a vida do mesmo.

O esporte universitário, como forma de educação não-formal, pode atuar como fator educacional aos seres humanos, criando noção de socialização e comunidade, assim como o autor Nascimento (1989) acredita:

A prática desportiva vista como um fenômeno social engloba num primeiro instante, um grande número de universitários que interagem mediante a fomentação de relações sociais. Neste sentido, a prática desportiva favorece a busca de valores como cooperação, co-participação, compreensão, e também, de relações eficientes entre indivíduos e o grupo para a maturidade social. Num segundo instante, é vista também como campo possível de atuação para a transformação da sociedade, na medida em que os universitários integrados neste contexto refletem sobre esta realidade social e se comprometem a construir uma realidade mais humana. (p.11)

Ainda nessa mesma linha de raciocínio, Montagner (1993) acredita que:

É necessário, pois, colocar ao alcance do esporte as possibilidades educacionais que ele possui. Assim, o esporte torna-se viável, não só pelas suas qualidades estéticas, emocionais, políticas e econômicas, mas prioritariamente pelas condições educativas e de transformações nas relações da vida cotidiana. (p. 60)

Continuando, acredita que:

Ao se adotar a proposta de sermos corpo, o esporte então não deve ser simplesmente produtor e consumidor de energia. Deve ter um sentido maior, constituir-se como um possível objeto cultural, social e histórico e, mesmo, um exercício de formação da personalidade.

O rendimento esportivo não deve ser encarado como perversor e transformador de conflitos. Não é algo apenas individual, vinculado ao resultado esportivo. Revela muito mais do que isso; possui referências culturais, sociais e coletivas. (MONTAGNER, 1993, p. 62)

Com relação à cultura, o esporte no contexto universitário também pode ser bastante interessante, pois, em uma comparação com qualquer esporte, Tani (1988) escreve sobre este fato, defendendo que:

O esporte é importante por proporcionar situações de movimento que possibilitam o desenvolvimento dentro das habilidades específicas. É uma forma de transmissão cultural da humanidade, e um dos objetivos da educação é a transmissão cultural. (p. 32)

Sobre a importância do Esporte Universitário para a formação dos alunos do ensino superior, o autor Cabrini (1995), em seu trabalho de conclusão de curso na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) escreveu que:

Considerando-se o processo educacional como algo permanente, em que estaremos sujeitos até os últimos dias de nossas vidas, o esporte possui importância vital dentro desse processo, contribuindo para a formação dos alunos, mesmo a nível universitário. (p. 12)

Não podemos esquecer que o esporte universitário só será benéfico para a formação de um aluno/cidadão se os professores/treinadores, assim como as outras pessoas envolvidas direta ou indiretamente no mesmo, estiverem atualizados sobre sua função educadora. Tratando-se de

esporte como parte da Educação Física, Moreira (1985) descreve o verdadeiro papel da Educação Física no processo de aprendizagem e desenvolvimento do cidadão:

Reconhecemos a educação física, parte integrante da educação em geral, como co-responsável em transformar a inteligência – simples capacidade de compreensão e opção, derivada de um cérebro mais complexo na escala zoológica, em consciência. A posse da consciência dá ao homem a capacidade de criar e optar por valores morais, dá-lhe a posse de si mesmo e, portanto do seu próprio destino. Se a meta da educação é esta, a educação física, como sua integrante, não pode fugir a este destino, através de sua metodologia, suas estratégias e sua prática. (p. 28)

O que podemos tirar das idéias de Moreira (1985) é que a educação física no ensino superior, trabalhada como esporte na universidade, não deve possuir movimentos reflexos e mecânicos, através de exercícios inconscientes. Deve-se trabalhar de maneira com que os alunos/atletas trabalhem de forma consciente, crítica, em diferentes estímulos, onde cada um tenha a possibilidade de ser “respondido” diversificadamente, ou seja, de forma criativa. Quanto à crítica do uso de somente desenvolver movimentos técnicos, fechados, Montagner já escreve sobre:

Para poder proclamar o esporte como elemento de educação, não basta saber trabalhar os conteúdos técnicos das modalidades nas quadras, pistas, ginásios e campos esportivos.

Para dizer que se educa através da prática esportiva com crianças e jovens, como por exemplo, questões políticas, econômicas e extremamente tecnicistas.

Deve-se formar recursos humanos aptos aos conceitos e princípios educacionais, lutar por uma prática sã do esporte para crianças e jovens e, dentro dessa polêmica, trabalhar as divergências criadas pela competição. (p. 76)

Podemos, ao falar da importância do Esporte dentro da Universidade, fazer novamente uma comparação com o seu papel educacional dentro das escolas brasileiras. Quanto a isso Paes (2001), defende o esporte como conteúdo pedagógico, escrevendo:

Para nós, o ensino do esporte na escola pode atender às expectativas e aos objetivos da Educação Física escolar, podendo mesmo constituir-se num incentivo para o desenvolvimento do espírito crítico e da criatividade do aluno. (p.23)

Como “acréscimo” ao que acredita Paes, podemos citar Montagner (1993, p. 92) que escreve em seu trabalho que “o esporte, (...), a exemplo da Educação Física, pode constituir-se em uma autêntica escola de tomada de decisões e não simples repetição de gestos técnicos, de hábitos adquiridos”.

Quanto a sua importância para a formação do aluno, dentro da escola, Paes (2001, p. 25) escreve que “na escola o esporte deve ter sua própria função, ou seja, oferecer às crianças o acesso a sua iniciação, como um conhecimento da cultura física, contribuindo para a formação do aluno”. Em relação a esta frase, por que não pensar o Esporte no âmbito universitário com as mesmas características e funções, como meio de recuperar algo não suprido anteriormente, nas escolas ou clubes freqüentados pelos alunos universitários em sua infância e adolescência. E podemos ir ainda mais longe de acordo com Paes (2001):

Na perspectiva desta pesquisa, o esporte na Educação Física escolar não trabalhará somente as questões relativas aos gestos técnicos, mas buscará compreendê-los como um meio de expressão corporal, onde aspectos cognitivos, afetivos, expressivos e sociais têm igual importância. (p. 34)

O que desejamos com este estudo é uma abordagem educacional do Esporte na Universidade, não queremos com o mesmo vir e desenvolver algo que faça com que ele seja um meio dos alunos/atletas serem profissionais do esporte nacional, pois dificilmente isso ocorrerá, dentro da realidade do nosso país. Acreditamos que nem todos que procuram o esporte, não só na Universidade, mas em qualquer estabelecimento social, almeja um dia ser um atleta profissional. Quanto a isso, Montagner (1999) acredita que de acordo com o que a “nossa experiência mostra que muitos procuram esportes não apenas para serem atletas, mas sim porque o esporte é um elemento motivador e fortemente difundido culturalmente no mundo, pelo interesse em sua prática, pelo gosto de jogar”.

De acordo com o trabalho de Montagner (1993), o autor enumera suas conclusões da seguinte maneira:

1) Mesmo sendo um terreno polêmico, foi possível constatar e entender o esporte de competição como um fenômeno social atuante, enquanto agente de educação.

2) Ao firmar possibilidades educacionais ao esporte de competição, sem priorizar apenas o resultado, as qualidades a ele atribuídas devem ser desenvolvidas não apenas nos clubes, como ocorre na atualidade, mas também em outros locais de grande alcance social, particularmente na escola pública.

3) Os profissionais do esporte, especialmente os que trabalham com crianças e jovens, devem estar constantemente refletindo sobre as ambigüidades da relação esporte de competição x educação, no sentido de ampliar as possibilidades educativas, sem negar os aspectos relativos a performance. (p. 143)

Assim como o autor, acreditamos que o esporte é, verdadeiramente, elemento do processo educacional do Ser Humano, seja crianças, jovens, adultos ou idosos, mas o que mais instigou para a realização deste estudo foi sua manifestação educacional dentro do ambiente universitário. Acreditamos também que ele por si só não é, fundamentalmente, educacional, pois é preciso a atuação de outros fatores no mesmo, para que conjuntamente, formem um processo educacional adequado. Assim como falamos anteriormente, é de extrema importância a participação ativa do técnico/educador, para que o mesmo assuma esse papel.

4. Temas Relevantes Sobre o Esporte Universitário

4.1 Estrutura

O Esporte Universitário no país tem muito a crescer, lembrando que o mesmo começou a ter participação no Governo com a criação de um departamento que cuida dos atletas universitários dentro do Ministério do Esporte, mas há alguns problemas quanto a estrutura de gestão dentro da CBDU.

Para o presidente da Liga Paulista de Rugby Universitário, Luiz Felipe Monteiro, em uma entrevista ao site *Universia Brasil* que reúne diversos assuntos relacionados às Universidades no país, critica esta estrutura. Nesta entrevista o mesmo diz que “o sistema federativo é muito difícil de mudar. Acho muito difícil ter uma mudança verdadeira dentro desta estrutura”. Essa crítica é feita principalmente pela falta de credibilidade que a Confederação acarretou durante os anos, mas possibilidades de mudança estão sendo buscadas. De acordo com a matéria de Renato Marques (*Universia Brasil*, 2003) a entidade aponta para o fim dos conflitos e da falta de organização estrutural dentro da CBDU, pois no ano da publicação da matéria a entidade “registrou a vitória de uma chapa única, de consenso, apontando para o fim dos conflitos na entidade”.

De acordo com a mesma fonte, dirigentes comemoraram a inclusão do Esporte Universitário junto ao Governo Lula. Para Monteiro, citado acima, “o governo foi bastante receptivo” e “há mais de dez anos eu trabalho com esporte e esta foi a primeira vez que vi um cenário de evolução em conjunto com o Estado”.

Sendo assim, com uma boa estrutura organizacional, o Esporte Universitário competitivo no país pode ser visto com bons olhos, haja visto o apoio governamental para a organização de um calendário anual, organizando também o JUBs, pois assim o mesmo pode ter credibilidade e maturidade para receber e saber dar retorno à possíveis investidores do mesmo.

4.2 Potencial

Como dito na primeira parte deste estudo, o principal responsável pela organização do Esporte Universitário mundial é a FISU, já que a ela são filiadas 142 confederações nacionais, entre elas a brasileira (CBDU).

Com tamanha participação, conclui-se que competições esportivas universitárias são capazes de reunir milhares de pessoas de todos os continentes. Haja vista a participação de aproximadamente 7.000 pessoas na última Universíade, de acordo com o site oficial da CBDU (www.cbdu.com.br, acesso em: 27/11/2005).

Com tantos participantes e sabendo que no Brasil os números também são altos, já que participaram cerca de 2.500 pessoas de 250 entidades de ensino superior (www.cob.org.com.br, acesso em: 27/11). A partir daí, podemos concluir que o Esporte Universitário no Brasil tem muitos participantes, sendo que os JUBs servem de seletiva para a Universíade, mas o mesmo não tem a mesma dimensão em países como os Estados Unidos, que as entidades universitárias são grandes fornecedoras do esporte profissional. Não é de interesse formar opinião de que o modelo ideal para o Esporte Universitário seja como fornecedor para o esporte profissional, mas que sendo organizado e bem divulgado, tendo uma visão social melhor, o mesmo no Brasil pode ser tão bem visto como na América do Norte.

4.3 Modelo de Gestão

Formado por Federações, o Esporte Universitário pode ser comparado ao Esporte Profissional, quanto ao seu modelo de gestão. Mas não seria mais interessante que mais pessoas estivessem estudando e participando da organização do Esporte Universitário?

O Comitê Olímpico Brasileiro, juntamente com o Governo do País, através do Ministério dos Esportes estão avançando, e muito em prol do desenvolvimento do Esporte Universitário no país. Em entrevista a Renato Marques, do site Universia Brasil do ano de 2003 (www.universiabrazil.net, acesso em: 26/11/2005), o presidente da Liga Paulista de Rugby, Luiz Felipe Monteiro, diz que “o sistema federativo é muito difícil de mudar. Acho muito difícil ter uma mudança verdadeira dentro dessa estrutura”. O entrevistador continua a matéria dizendo que

“fato é que o governo está efetivamente empenhado em alterar o cenário”, continuando, diz que “o esporte universitário vive uma séria crise de identidade dentro das instituições”.

O Governo do país pode intervir e mudar as estruturas do Esporte Universitário, mas para isso deverá colocar cada vez mais profissionais capacitados para tal função, como também saber desenvolver o mesmo em nosso país. Com profissionais de qualidade, o Esporte Universitário poderá ter um grande potencial na sociedade, atraindo cada vez mais participantes e contribuindo para a formação do Ser Humano.

4.4 Visão Social

Neste item, questiona-se como o Esporte Universitário é visto, não só pela sociedade, mas por possíveis investidores contribuindo para o crescimento do mesmo?

Em seu estudo, Cabrini (1995) critica o Esporte Universitário quanto a sua credibilidade perante possíveis investidores, com isso, ele escreve

O esporte universitário, assim como outros meios de atuação, também possui muitos problemas. Os poucos campeonatos existentes são considerados encontros onde os universitários podem realizar suas festas e badernas, sem nenhum interesse real pelo campeonato em si. Estes acontecimentos explicitam a falta de credibilidade pelo qual passa o esporte universitário, sendo que os próprios alunos e participantes, bem como os órgãos responsáveis pela organização (FUPE e CBDU) são culpados por esta situação. (p. 21)

Tem-se em mente, com esta discussão, assuntos em torno de quais são os verdadeiros patrocinadores do Esporte Universitário, para isso pode-se perceber que o mesmo não recebe apoio principalmente pela competição em si, mas aparecem cada vez mais investidores para a realização das festas (“badernas”), dando uma visão social para o Esporte nas Universidades sem muita credibilidade, portanto sem investimento estatal ou de empresas privadas relacionadas ao esporte.

Cabrini (1995), continua dizendo sobre essa falta de credibilidade

A falta de credibilidade pelo esporte universitário acarreta uma série de consequências, que dificultam ainda mais a realização de eventos desse nível. Mais dessas consequências são os baixos investimentos pelos órgãos públicos e empresas privadas, que patrocinam poucos eventos universitários, em virtude desses serem considerados eventos nada sérios e que conseqüentemente trarão pouco retorno para o investidor. (p. 21)

Quanto a esta afirmação e sobre os reais investidores do Esporte Universitário do país, não é difícil encontrar campeonatos universitários relacionados a marcas de cigarros, ou de bebidas alcoólicas, dando a real visão de como ele é visto pela sociedade como também pelos investidores em potencial.

5. Referências Bibliográficas

BETTI, Mauro. **A Educação Física na Escola Brasileira de 1º e 2º Graus no Período de 1930-1986: uma Abordagem Sociológica**. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo. São Paulo, SP [s. n.], 1988.

CABRINI, Renato Rodrigues. **Esporte de Competição: uma atividade de extensão no ensino de 3º grau**. Trabalho De Conclusão De Curso (graduação) - Universidade Estadual De Campinas, Faculdade De Educação Física. Campinas, SP [s. n.], 1995.

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO. **Olimpíadas Universitárias JUB's 2005**. Disponível em: <www.cob.org.com.br>. Acesso em: 27 nov. 2005.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DO DESPORTO UNIVERSITÁRIOS. **Há 6 Décadas Trabalhando para o Desenvolvimento do Desporto Universitário**. Disponível em: <www.cbdu.com.br>. Acesso em: 10 set. 2005.

FISU. **The International University Sports Federation, FISU, arose within university institutions to propagate sport values and promote sports practice in perfect synergy and complementarity with the university spirit**. Disponível em: <www.fisu.net>. Acesso em: 10 set. 2005.

FREIRE, João Batista. **Esporte Educacional (p. 76 a 83) In: Esporte Educacional: uma proposta renovada / org. César A. Barbieri**. Universidade do Pernambuco – ESEF / MEE / INDESP. Recife, PE [s. n.], 1996.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5ª ed. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

MARQUES, Renato. **Governo Federal aposta no esporte universitário para 2004**. Disponível em: <www.universiabrasil.net>. Acesso em: 22 nov. 2005.

MONTAGNER, Paulo César. **Esporte de Competição X Educação? : O caso do basquetebol**. Universidade Metodista de Piracicaba, Dissertação de Mestrado. Piracicaba, SP [s. n.], 1993.

MONTAGNER, Paulo César. **A Formação do Jovem Atleta e a Pedagogia da Aprendizagem Esportiva**. Universidade Estadual De Campinas, Tese de Doutorado. Campinas, SP: [s. n.], 1999.

MOREIRA, Wagner Wey. **Prática de Educação Física na Universidade**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1985.

NASCIMENTO, Juarez Vieira. **As expectativas dos universitários em à prática desportiva: uma abordagem quantitativa**. Revista da Educação Física/UEM.V.1. nº.0. Maringá, 1989.

PAES, Roberto Rodrigues. **Educação Física Escolar: o esporte como conteúdo pedagógico do Ensino Fundamental**. Canoas: Editora Ulbra, 2001.

PASSOS, Solange C. E.. (Org.). **Educação Física e Esportes na Universidade**. Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília, 1988.

SÍGOLI, Mário André. **O Espote Educacional e a Prática Esportiva nas Escolas da Cidade de São Paulo**. Universidade De São Paulo, Dissertação De Mestrado. São Paulo, SP, 2005.